

# ÍNDIOS

Desde ontem, os países da América estão discutindo seus índios em Brasília. De Décio Pedrosa, enviado especial.

## GIBSON: O BRASIL ESTÁ CANSADO DE INFÂMIAS.

A grande preocupação das autoridades brasileiras que participam do VII Congresso Indigenista Interamericano parece ser a de desmentir as "calúnias" sobre a política indigenista do país. O Congresso foi instalado ontem, no palácio do Itamaraty, em Brasília, e o ministro do Exterior, Mario Gibson Barboza, abriu a sessão falando sobre a campanha de calúnias contra o processo de aculturação do índio brasileiro: "Não posso me conter. O Brasil está cansado de ser a vítima de uma campanha de infâmias".

Esta é a primeira vez que este congresso — realizado de quatro em quatro anos — é feito no Brasil, organizado pelo governo brasileiro e pelo Instituto Indigenista Interamericano — um organismo especializado da Organização dos Estados Americanos. Além do Brasil, participam estes países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru e Venezuela. Há ainda observadores do Canadá, da Espanha, da República Dominicana e da Unesco.

### COSTA CAVALCANTI FALA

Na sessão inaugural falaram também o ministro do Interior do Brasil, Costa Cavalcanti (ele é o presidente do Congresso), o diretor do Instituto Indigenista Interamericano, Gonzalo Rubio Orbe, e o chefe da delegação mexicana, Gonzalo Aguirre Beltrán, em nome de todas as delegações.

Um dos argumentos de Gibson Barboza: o Brasil até ofereceu passagens "para que homens de boa vontade viessem ao Brasil visitar os grupos indígenas e os trabalhos de aculturação, e o cuidado com que abordamos o problema do índio, no trabalho de combinar o crescimento do país com a manutenção dos valores étnicos e culturais do índio".

Costa Cavalcanti falou em seguida, explicando as bases da política brasileira para os indígenas e insistindo na questão das calúnias: "É possível que erros tenham sido cometidos. Não somos senhores da perfeição. Estamos procurando corrigir falhas. Mas o nosso esforço é grande. Nunca no Brasil foram empregados tantos recursos humanos e financeiros em benefício do nosso índio como nos últimos anos. Os resultados obtidos têm sido satisfatórios e aí estão para quem quiser ver."

— Dai porque repelimos e repudiamos qualquer calúnia, fruto da ignorância ou da má fé, a respeito de nossa política indigenista. Outra grande preocupação das autoridades brasileiras: a abertura da Transamazônica e os índios. Costa Cavalcanti:

— Em toda parte está a Funai, na linha de frente, integrando também gradualmente o nosso índio arredio ou isolado que habita a Amazônia. E tanto isto é verdade que não temos e espero não termos — nenhum choque entre as frentes de desmatamento e construção da Transamazônica e os índios que perambulam pela imensa área.

General Bandeira de Mello, presidente da Funai, falando na sessão da tarde:

— As bases da Funai apoiam logicamente as frentes de penetração e as firmas construtoras, e graças a esse apoio os trabalhos de construção das rodovias não sofreram qualquer solução de continuidade.

### FALA O MÉXICO

Em seguida, o diretor do Instituto Indigenista Interamericano, Gonzalo Orbe, do México, apresentou as novas tendências doutrinárias do indianismo, parte de um amplo trabalho realizado pelo Instituto:

— Existe uma corrente que acha que não se deve realizar nenhuma das atividades chamadas indigenistas, pois estas se constituem em meros paliativos que não levarão à libertação das massas indígenas e, em troca, servem para aumentar as formas de exploração e opressão. Outra tendência analisa a teoria da integração, manifestando-se partidária do direito absoluto que têm as comunidades indígenas de se governarem e terem sua própria cultura. Essas comunidades apenas reivindicariam seu direito de participar do conjunto nacional com suas tradições e estruturas peculiares. Temos também a atitude da nova Igreja, que aceita algumas críticas à sua política indigenista e se compromete a lutar para resolver os problemas sócio-econômicos que afetam os núcleos indígenas.

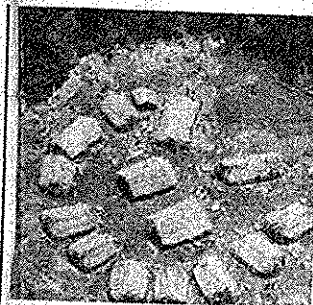
Ainda Gonzalo Orbe: "As terras das zonas selváticas, com o descobrimento de minerais estão obrigando nossos países a contratar obras de infra-estrutura. As estradas, as pistas de aterrissagem, os portos, estão levando as forças do progresso e do desenvolvimento, mas também levam uma série de elementos que produzem consequências inesperadas para os grupos selváticos que vivem ilhados. A ação dos aventureiros e exploradores de ontem se somam os elementos novos que, sem nenhuma intenção de produzir danos, atrapalham, inegavelmente, a vida desses grupos".



A preocupação de Gibson Barboza: desmentir as calúnias.

## A EXPEDIÇÃO RECUA, PARA NÃO ASSUSTAR OS GIGANTES.

A expedição de Cláudio Villas Boas esperou, durante uma semana, que os índios kranhacocores recolhessem os presentes deixados na aldeia queimada e abandonada por eles. Mas os índios não apareceram e, hoje, Villas Boas começa a voltar com seus homens para a base do rio Peixoto de Azevedo. Segundo Villas Boas,



trata-se apenas de uma mudança de tática: "Nós vamos recuar para que os

kranhacocores fiquem mais à vontade na terra deles. Já recolhemos os presentes que eles nos deixaram, mas procurá-los agora nos campos em que se esconderam poderia desfazer todo o trabalho que tivemos até agora. Eles poderiam sentir-se cercados ou perseguidos". Mas, antes de recuar, a expedição deverá procurar um local para a construção de um novo campo de pouso, no baixo rio Peixoto de Azevedo, que deverá servir de base de apoio para novas incursões às terras dos kranhacocores. Além disso, a maior parte dos índios que colaboram com a expedição deverá voltar para o Parque Nacional do Xingu. Outros índios os substituirão. Enquanto isso, Orlando Villas Boas se prepara para apresentar à Funai uma sugestão: criar uma reserva para os gigantes kranhacocores, à oeste da rodovia Cuiabá Santarém. Para Orlando a criação dessa reserva tornaria desnecessário continuar o trabalho de atração dos gigantes: "Eles acabariam sendo atraídos naturalmente, mais tarde, pelo movimento da estrada".

## AS TRIBOS TÊM VISITAS ESTRANGEIRAS

"Conhecemos as declarações da Fundação Nacional do Índio, sobre sua política indigenista. Vamos verificar se essa política é aplicada realmente". Quem diz isso é o etnólogo René Fuerst, um dos membros da missão inglesa que começa, hoje, a visitar as principais tribos brasileiras, num roteiro de mais de 15 mil quilômetros.

A missão é formada, além de Fuerst, por Edwin Brooks, geógrafo e chefe da expedição, John Hemming, historiador (ele participou de uma expedição ao rio Iriri, em 1961, e é membro da Royal Geographical Society), e Francis Huxley, antropólogo social (ele trabalhou no Brasil, no Canadá e no Haiti, e é autor dos livros Povos do Mundo e Os Invisíveis). Fuerst trabalhou vários anos com índios, no Brasil, e participou da missão da Cruz Vermelha no Brasil em 1970. Todos eles fazem parte da Aborigines Protection Society (Sociedade de Proteção aos Aborígenes), entidade incorporada à Anti-Slavery Society for the Protection of Human Rights (Sociedade Anti-escravagista para a Proteção dos Direitos Humanos).

A Aborigines Protection Society, organizadora da missão, é uma entidade inglesa particular, que vive de doações há mais de 130 anos. Edwin Brooks explica:

— Há alguns anos desenvolve-se um grande movimento através da imprensa mundial, sobre maus tratos aos indígenas da América Latina. Foi por isso que a Sociedade estabeleceu contato com o governo brasileiro, para investigar o assunto. Vamos visitar as tribos e postos da Funai e entrevistar vários especialistas em índios. Depois apresentaremos tudo o que constatar. O relatório será mostrado ao governo brasileiro antes de ser publicado, mas não sofrerá quaisquer alterações. O roteiro que escolhemos foi alterado várias vezes, por nós mesmos, por causa de alguns problemas.

### VISITA ÀS TRIBOS

A partir de hoje, os quatro técnicos visitarão estas tribos: carajás, xavantes, bororós, nambiquaras, suruí, danis, tucuaná, tucuanans, iaomais, makuxis, mundurucus, caiapós, paracanás, urubus, kanelas, kraós, gaviões. Visitarão também o Parque Nacional do Xingu.

O etnólogo Fuerst garante: — A Funai aprovou o roteiro sem sugerir alterações. A maior parte do transporte será fornecido pela FAB e nossa viagem deve durar uns dois meses.

Um jornalista, durante a entrevista coletiva à imprensa, perguntou a John Hemming se era verdade que ele tinha elogiado a Funai há pouco tempo, numa conferência feita em Londres. Resposta:

— O que fiz foi apresentar os problemas da Funai. O elogio que fiz foi ao trabalho dos irmãos Villas Boas e não à Funai. Critiquei a Funai pela falta de verbas e de pessoal especializado. Para lidar com índios é preciso contratar gente que entenda de índios.

Fuerst: "Aliás, todos nós sempre elogiamos os Villas Boas. Na Austrália, a situação do índio é muito pior que a do Brasil, embora aqui a situação seja péssima. A Funai tem boas intenções, mas falta o resto. Por isso, a situação do índio brasileiro só vai melhorar com muito esforço. Preservar as tribos do contato com a civilização é a melhor solução transitória possível. O índio só pode se integrar de maneira muito lenta. Esta nossa maneira de ver o problema é idêntica à dos Villas Boas".

### CONTRA AS TRANSFERÊNCIAS

Para Fuerst, os índios não devem ser transferidos, a não ser em casos em que não haja outra solução:

— É preciso sermos práticos. Se a transferência for inevitável, a Funai deve tratar de encontrar um lugar semelhante ao que os índios viviam antes, e depois mudá-los para lá. Penso que, na região da Transamazônica, o índio seria o melhor elemento para povoar a região, mas isso no futuro.

— As acusações de genocídio vindas da Europa — continua Fuerst — são todas baseadas em declarações da imprensa brasileira, talvez um tanto alteradas, mas originárias daqui. Mas existe também muita desinformação. Houve, por exemplo, um escritor francês, Lucien Bodar, que permaneceu alguns dias no Parque Nacional do Xingu, sem falar qualquer palavra de português, e escreveu depois um livro chamado "O massacre dos índios".

Um problema que a Funai deveria controlar com mais cuidado, diz Fuerst, é o do trabalho das missões religiosas:

— Acho prejudicial que uma mesma tribo sofra a influência católica e protestante ao mesmo tempo. É o caso dos xavantes. Uma parte é orientada por uma missão católica, outra por pastores protestantes e uma terceira pela própria Funai. Dependendo da tribo, as missões religiosas são úteis. No entanto, as missões não devem aproximar-se das tribos cujos contatos são recentes. Por isso, a Funai deve controlar essas missões com pulso mais firme.

## O QUE MUDA NA FUNAI

A finalidade da Funai, segundo seu novo regimento interno, aprovado pelo ministro do Interior: estabelecer as diretrizes e garantir o cumprimento da política indigenista, estabelecida pelo governo federal; defender e proteger o silvícola, sua cultura e patrimônio; garantir ao índio a inalienabilidade e a posse permanente das terras que habita e o usufruto exclusivo das riquezas naturais; promover a progressiva

integração do índio na sociedade nacional. O novo regimento interno também estabelece um esquema administrativo para a Funai. Agora, entre os órgãos de assessoramento da Fundação, haverá a Assessoria de Segurança e Informação, à qual competirá coletar, em sua área de estudo e planejamento relativos à segurança nacional, e coordenar e supervisionar as atividades de contra-informação.